Diego Gierolett

Agaragem

Ed. Fraternos LTDA
Copyright © 2015 Gerolete, Diego

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida

sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer

outros.

Esta é uma obra fictícia, qualquer semelhança com pessoas reais vivas ou mortas é mera coincidência.

REVISÃO

Ariane Silva Santos

CAPA & DIAGRAMAÇÃO

Arte Capa: Maria Elidiane Medeiros

Imagens: Editora Novo Romance

Para Francis Avila. Depois de você, tudo mudou.

Em seguida, virou-se para a mulher e disse a Simão: "Vê esta mulher? Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés; ela, porém, molhou os meus pés com as suas lágrimas e os enxugou com os seus cabelos.
Você não me saudou com um beijo, mas esta mulher, desde que entrei aqui, não parou de beijar os meus pés. Você não ungiu a minha cabeça com óleo, mas ela derramou perfume nos meus pés.
Portanto, eu lhe digo, os muitos pecados dela lhe foram perdoados, pelo que ela amou muito. Mas aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama".
Então Jesus disse a ela: "Seus pecados estão perdoados".
Os outros convidados começaram a perguntar: "Quem é este que até perdoa pecados? "
Jesus disse à mulher: "Sua fé a salvou; vá em paz".

Lucas 7:44-50

1

Naquela tarde amena de outono, Lucas trouxera para sua nova casa o carro que havia comprado há uma semana atrás, em uma revenda de Nova Esperança: um Ford Corcel ano 1978.

Depois de uma dolorosa separação, Lucas resolveu retomar sua vida e seguir em frente outra vez.

Tenho que tocar o barco! — dizia ele para seus amigos e colegas garçons, que trabalhavam com ele no Royale restaurante, localizado também na cidade vizinha de Nova esperança.

Fora em seu emprego que Lucas soubera, por um velho cliente e vendedor de carros usados, que o magnífico Corcel que acabara de comprar estava à venda em uma de suas cinco revendas espalhadas pela região do extremo sul do estado de Santa Catarina. Lucas não podia acreditar, ao ouvir da boca do franzino vendedor que o velho e conservado carro que tanto almejava estava tão perto dele: nada mais, nada menos, que em uma das poucas revendas de carros usados da cidade vizinha de Nova Esperança.

* * * * * *

Lucas começava seu expediente de trabalho às 15 da tarde e encerrava-o às 1h00 da manhã. Depois disso, ele embarcava em sua bicicleta que normalmente ficava encostada na parte detrás do restaurante sem cadeado. Dizia ele que, Nova esperança não era como Dourados onde morava, ou Torres, lá na beira mar, em que as pessoas tinham que amarrar até as calças na cintura para ninguém levá-las, e ia para sua casa.

No entanto, agora a situação era outra. Lucas estava separado de sua esposa, e a velha companheira magricela que poucas

vezes deixara-o na mão, (exceto por um pneu furado, justamente em um dia em que ele saíra de sua casa atrasado), havia sido substituída pelo Ford Corcel 1978, com bandas brancas e bancos de couro pretos. Finalmente seu sonho de criança e posteriormente de adulto estava realizado. De forma alguma Lucas se arrependia em ter juntado cada centavo de seu salário trabalhando como garçom para comprá-lo. Não obstante, ele já sabia que esse fora o principal motivo de sua separação.

Lucas era uma pessoa que pouco se importava – ou quase nada se importava – com os gastos e as economias de sua casa. E, devido a isso, sem a devida supervisão de sua esposa, suas faturas e contas viviam quase sempre atrasadas. Os telefonemas de cobradores e financeiras eram comuns na vida dele, e isso incomodava muito sua mulher, que tudo fazia para manter as contas devidamente quitadas. Porém, para nada disso ele dava atenção. Tudo o que Lucas mais queria era guardar dinheiro para comprar seu carro. O carro que sempre sonhara e que fora o maior causador das constantes brigas dele com sua tão preocupada contabilista.

Não obstante, Lucas ajudava nas despesas de casa. No entanto, como é de se imaginar, quem pagava a maior parte das contas e faturas vencidas que dia a dia se acumulavam na caixa de correios em frente à casa dele todos os meses, era ela.

Com seu emprego de doméstica, ela conseguia o dinheiro necessário para suprir boa parte da renda da casa. Sem contar que, muitas das contas eram de excepcional responsabilidade dele, normalmente de coisas que Lucas comprava para si, como: ferramentas para mecânico, óleos e ceras para polimento de carros. (Ele dizia que quando comprasse seu carro precisaria muito daquilo; sendo assim, ele já estava antecipando as compras para evitar futuros aborrecimentos).

E esse era o grande e vital problema: Lucas não assumia inteiramente as dividas que ele mesmo fazia, deixando para sua mulher arcar com praticamente todas as faturas mensais sozinha.

(exceto com a parte de encher a despensa de alimento, do qual Lucas ajudava em metade dos gastos) coisa que ele fazia questão de ressaltar em todas as brigas que tinha com ela, ocasionadas sempre pelo mesmo motivo.

— Você só pensa em guardar dinheiro para esse maldito carro. Esse carro que só existe dentro de sua cabeça! — gritava ela, inconformada em ver que mais um mês havia se passado e não havia sobrado nem um "puto" para ela tomar um maldito sorvete na esquina.

A esposa de Lucas era bonita, atraente e deveras cobiçada pelos amigos e não amigos dele. Fazia o tipo recatada e usava quase sempre um vestido rendado justo na cintura, o que fazia muitos marmanjos e amigos de Lucas virarem a cabeça todas as vezes que ela passava pelas ruas de Dourados e Nova esperança, onde ia vez ou outra fazer compras no supermercado.

No entanto, ela não dava atenção para ninguém, ignorava-os sem precedentes; até perceber que, definitivamente, havia se cansado de Lucas, e outros pensamentos começaram a dominar a sua cabeça, e esse foi o inicio do fim do casamento deles.

* * * * * *

Os dias foram passando, e, em um desses dias, quando Lucas chegara feliz em casa por ter mais uma vez conseguido um bom dinheiro em gorjetas… Pensando, obviamente, em colocá-los no "porquinho" destinado à compra de seu carro, ele percebeu que, estranhamente, sua esposa havia deixado a porta da casa aberta. A porta sempre ficava trancada quando ele saía, pois ela dizia ter medo que algum estranho entrasse na casa enquanto ela estivesse sozinha. Porém, naquela noite a porta estava apenas encostada.

Já passava da uma da manhã, e Lucas entrou vagarosamente na casa com um estranho sentimento a lhe queimar o coração.

Seria um pressentimento? Talvez. Ou não… Podia ser apenas o cansaço. Ou não…

A casa estava em um completo silêncio, e isso, inexplicavelmente, transtornara-o muito, mesmo estando acostumado com o estarrecedor silêncio de sua casa à noite, sempre quando chegava do serviço, normalmente por esse horário.

Lucas sabia que, por àquelas horas, sua esposa devia estar dormindo. Mas, se tudo parecia estar em absoluta ordem, porque o maldito silêncio lhe inquietava tanto?

Pé por pé ele andou pela casa, procurando fazer o mínimo de barulho que pudesse. Lucas calçava um sapato de sola dura que usava somente para trabalhar; era desconfortável, mas elegante, e no restaurante, lhe causava uma boa impressão para os clientes. No entanto, naquele momento, ele sentiu vontade de tirá-los e jogá-los na lata do lixo, em frente à sua casa. Lucas não queria em hipótese alguma acordar sua esposa, ou… Claro, ela devia estar muito cansada, pois não era nada normal que ela se esquecesse de trancar a porta da casa à noite.

Lucas largou cuidadosamente a sacola onde havia guardado uniforme de garçom encima do sofá da sala – aquele havia sido um dos poucos dias que tirara o uniforme para vir para a casa. Fazia um calor infernal fora de época, e não queria suar seu uniforme do trabalho vindo do serviço para a casa de bicicleta. Lucas chegara usando uma regata, um calção e um par de tênis informal, caminhou até o quarto onde sua esposa dormia e andou compassadamente, com um sinistro medo a lhe assolar o coração.

"*Medo do que exatamente* — pensava ele — *De encontrar minha mulher dormindo na cama depois de um exaustivo dia de serviço? Ha-ha-ha.*

Ele riu de sua própria estupidez.

Por fim, Lucas parou em frente à porta do quarto, e, não obstante, viu que a mesma estava fechada; o que era também

muito estranho, pois, desde que começaram a morar juntos, ela sempre deixava a porta do quarto aberta para ele entrar sem fazer barulho, visto que as dobradiças da porta rangiam como loucas quando eram mexidas, e desde o início do casamento Lucas não criara ânimo para consertar o maldito defeito.

Com uma estranha hesitação, ele colocou sua orelha contra a madeira fria da porta. Ficou ali, por alguns segundos, ouvindo… Ouvindo… Alguns ruídos. Sim! Eram… alguns ruídos e… ouvindo… Alguns estalos na cama, e… Ouvindo… Alguns… Gemidos?

— Minha esposa, gemendo?! — murmurou ele, indagando a si próprio, com o lado do rosto colado na porta.

Dessa vez ele não hesitou. Uma onda súbita de energia lhe invadiu o coração, subindo como um choque elétrico por dentro de suas veias e artérias, e ele abriu a porta, que não estava fechada, mas apenas encostada, como que propositalmente. Ele havia se enganado. Talvez, seu medo o tenha feito pensar que a porta havia sido trancada. Seria melhor pensar assim. Mas, não estava. A porta estava bem aberta.

A porta escancarou-se logo após o seu toque, e Lucas enxergou o que nunca havia pensado enxergar em toda a sua vida. Sua tão amada e fiel esposa: com outro homem em sua própria cama. Ela cavalgava encima dele, como uma potranca indomada. E o pior! Divertia-se muito com aquilo. E gemia... Gemia… Ouvindo… Gemia de prazer.

E… Alguns… Alguns… Ouvindo… Gemidos?

Lucas pirou ao ver a cena; porém sua reação foi completamente atônita. Ele ficou sem saber o que fazer no momento. Ficara sem reação, sem forças, e sem coragem para reagir como sempre pensara que reagiria se algum dia tivesse o completo desprazer de passar por uma situação como aquela.

Até então, sua esposa ainda não havia lhe visto. Estava muito ocupada cavalgando sob aquele estranho homem do qual não lhe interessava saber a identidade. De repente, ela olhou para trás e

viu o rosto do marido, cansado do trabalho, exaurido, e atônito com a cena que presenciava. Ela lhe lançou um irônico sorriso e disse-lhe com um maléfico brilho no olhar.

— O que foi Lucas? – ela pingava suor — Agora eu achei um homem de verdade — ela parou alguns instantes com o pinto do cara ainda dentro de si, e olhou atentamente para ele — Se você quiser pode se juntar a nós, eu deixo você…

Lucas não quis esperar ela concluir a frase. Saiu imediatamente daquele quarto e daquela casa. Era muita porquice para sua cabeça. Nunca poderia imaginar que sua esposa fosse uma porca como ele próprio havia testemunhado naquela noite.

No dia seguinte, ele voltou até lá somente para buscar suas roupas e levar alguns de seus pertences para a casa de seus pais, onde passaria um tempo, até achar uma outra casa para alugar.

Definitivamente, depois do acontecido, Lucas decidiu que compraria seu carro. Afinal, já possuía dinheiro suficiente no banco, não precisava mais se preocupar com as queixas de sua mulher quanto ao dinheiro que guardava, pois ela havia traído ele covardemente dentro de sua própria casa, e encima de sua própria cama, não sendo mais merecedora de senso opinativo algum. O que ele teria a perder agora? Nada!

Naquele exato momento, Lucas lembrou-se do vendedor com quem conversara no restaurante dias antes. Naquele mesmo dia, ligou para o número que o homem lhe passara. O tal vendedor de carros atendeu, disse que estava em Santa Bárbara, cidade 30 km a leste de Dourados e Nova Esperança, resolvendo assuntos sobre vendas e não poderia lhe atender naquele momento, mas encaminhou Lucas para uma de suas revendas, que ficava em Nova Esperança, e onde o saudoso Corcel lhe esperava ansiosamente com um sorriso nas grades.

Naquela mesma cidade, Lucas conseguiu comprar seu sonho reluzente de criança. A máquina realmente estava na frente do pátio da revenda do franzino cidadão com quem conversara dias